

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 02 de março de 2023 às 07h57
Seleção de Notícias

Terra - Notícias | BR

Marco regulatório | INPI

Mercado de franquias é opção para crescer com segurança 3

Exame.com | BR

Patentes

Laboratório americano Eli Lilly anuncia redução do preço da insulina em 70% 5
ANDRÉ LOPES

Jornal da USP | SP

Propriedade Intelectual

A sociedade e a produção acadêmica, um diálogo necessário 7
JORNAL DA USP

Mercado de franquias é opção para crescer com segurança

Segundo Fabrício Gõnçaves, especialista em franquias o mercado de franchising aponta com uma opção para crescer com segurando com padronização de processos validados e com a empresa gerando lucros.

O mercado de franquias no Brasil tem crescido exponencialmente nos últimos anos. De acordo com a ABF (Associação Brasileira de Franchising), em 2022, o número de unidades expandiu para 7,8%, sendo mais de 184 mil operações, e o de redes para 6,8%, superando as 3 mil marcas. A ABF em 2023 projeta um crescimento de 10% de unidades. Superando a média de crescimento da economia brasileira. Expandir uma empresa pode ser um passo muito importante na estratégia de crescimento e sucesso de qualquer negócio, o que exige padronização e otimização de processos logísticos, gerenciais e de produção.

Segundo Fabrício Gonçaves, CEO da Poleniza Soluções Empresariais, o franqueamento permite que as empresas criem uma rede de lojas ou pontos de venda, utilizando a marca e toda padronização de seus processos já validados, aumentando a presença e o reconhecimento em todo o território nacional.

No entanto, alguns pontos devem ser levados em consideração antes de iniciar o processo de franqueamento. Fabrício afirma que é preciso validar se o modelo de negócio em questão é lucrativo e vantajoso para o investidor, caso contrário, o empresário deve buscar outras formas de alavancar o caixa de sua empresa. Ainda segundo Fabrício, outro ponto a ser levado em consideração, é possuir total conhecimento de mercado sobre o nicho de negócio ao

qual está inserido, pois é este conhecimento que deverá ser transmitido aos franqueados da rede. Por fim, e talvez um dos pontos mais importantes é possuir o registro da marca junto ao **INPI** (Instituto Nacional de Propriedade Intelectual), afinal, franquear é oferecer o direito de uso da marca e do conhecimento do franqueador.

A formatação de uma empresa em franquias, segundo o especialista, deve contemplar ainda, a padronização de seus processos de operação muito bem definidos. Dessa forma, um plano de negócios bem estruturado, facilita o empresário a traçar rotas, minimizar perdas, prever todo investimento necessário para a operação e ainda, prever toda expectativa de lucro dentre outros fatores.

Todas as informações sobre a empresa, incluindo o plano de negócios, manuais de operação, gestão, manuais de vendas, marketing, financeiro, recursos humanos dentre outros, devem ser documentadas para transmitir o know-how da franquias à toda rede junto com o suporte ao franqueado.

Por fim, para caracterizar uma empresa em uma franquias, é necessário que se desenvolva a COF (Circular de Oferta de Franquia) e o contrato de franquias, em consonância à Lei nº 13.966 de 2019 (Lei de Franquia). Esses documentos darão aos interessados todo o conhecimento das regras, direitos e deveres de ambas as partes, franqueado e franqueador, bem como o acesso à informação financeira, tanto de investimentos, gastos e perspectivas de lucro.

Fabrício cita que o processo de franqueamento está aberto a todas as empresas que desejam expandir a

Continuação: Mercado de franquias é opção para crescer com segurança

marca desde que atendam a estes requisitos. Para isso, o empresário deve buscar no mercado profissionais e empresas especializadas para auxiliarem nestes processos documentais, estratégicos, jurídicos e comerciais.

Para saber mais, basta acessar <https://poleniza.com.br/>

Website: <https://poleniza.com.br>

Laboratório americano Eli Lilly anuncia redução do preço da insulina em 70%

A empresa disse que reduzirá o preço de sua insulina genérica para US\$ 25 o frasco (em torno de R\$ 130) a partir de 1º de maio. A gigante farmacêutica americana Eli Lilly anunciou, nesta quarta-feira, 1º, uma redução de 70% no preço de "sua insulina mais recitada", da qual milhões de pessoas com diabetes dependem para viver.

"A Lilly está tomando essas medidas para facilitar o acesso à insulina e ajudar os americanos que podem ter dificuldades para lidar com um sistema de saúde complexo, que pode impedi-los de obter insulina a um preço acessível", afirmou, em um comunicado, o grupo com sede em Indianápolis, no centro dos Estados Unidos.

O anúncio se dá em meio a uma tendência de aumento no custo da insulina nos últimos anos, em paralelo a uma alta significativa da demanda.

A empresa disse que reduzirá o preço de sua insulina genérica para US\$ 25 o frasco (em torno de R\$ 130) a partir de 1º de maio.

A partir do quarto trimestre deste ano, a farmacêutica também reduzirá em 70% o preço do Humalog, sua insulina mais prescrita, assim como do Humulin.

"Embora o sistema de saúde atual dê acesso à insulina para a maioria das pessoas com diabetes, ainda não fornece insulina acessível para todos, e isso precisa mudar", disse o CEO da Lilly, David Ricks.

A empresa também informou nesta quarta-feira que limitaria automaticamente os custos em certas farmácias de varejo a US\$ 35 (cerca de R\$182) para pessoas com seguro comercial que usam a insulina da Lilly.

O presidente dos Estados Unidos, o democrata Joe Biden, referiu-se à decisão da Eli Lilly nesta quarta-

ta-feira como uma "ótima notícia" e disse em sua conta no Twitter que era hora de outros laboratórios fazerem o mesmo.

"Hoje, a Eli Lilly está atendendo ao meu apelo. Outros devem fazer o mesmo", afirmou.

O diabetes é uma das doenças crônicas que mais crescem em todo o mundo, de acordo com um estudo de 2022.

Preços altíssimos

Os preços da insulina dispararam nos Estados Unidos nas últimas décadas, custando oito vezes mais do que em 32 países de alta renda comparáveis, de acordo com um estudo de 2020 da Rand Corporation.

O presidente americano, Joe Biden, fala sobre a nomeação de Julie Su como secretária do Trabalho na sala leste da Casa Branca, em Washington, 1º de março de 2023

Mas o custo de produção da insulina é relativamente baixo em comparação com o preço de venda.

Uma pesquisa da organização sem fins lucrativos T1International também mostrou que um em cada quatro entrevistados que vivem com diabetes relatou que racionou sua insulina devido à pressão financeira.

Em seu discurso sobre o Estado da União ao Congresso no mês passado, o presidente Biden afirmou: "Big **Pharma** cobra centenas de dólares injustamente das pessoas e obtém lucros recordes. Não mais".

"Big **Pharma**" refere-se ao complexo das maiores indústrias farmacêuticas.

Continuação: Laboratório americano Eli Lilly anuncia redução do preço da insulina em 70%

Enquanto os idosos inscritos no Medicare têm um limite para o custo da insulina, milhões de americanos que não estão nesse programa federal de seguro de saúde para idosos precisam de insulina para salvar suas vidas, acrescentou.

"Vamos terminar o trabalho desta vez. Vamos limitar o custo da insulina em US\$ 35 (R\$ 182) por mês para cada americano que precisar", disse Biden.

O diabetes é dividido em dois tipos. Estima-se que nove milhões de pessoas tenham diabetes tipo 1, uma condição crônica na qual o pâncreas não produz insulina suficiente, o hormônio que regula os níveis de açúcar no sangue.

A maioria das pessoas afetadas pelo diabetes tem o tipo 2, que está associado à obesidade e a outros fatores do estilo de vida e ocorre em adultos e cada vez mais entre as crianças.

Todos os diabéticos do tipo 1 precisam de insulina para sobreviver, e o acesso ao medicamento geralmente é garantido.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 63 milhões de pessoas têm diabetes do tipo 2 e também precisam do hormônio, mas apenas cerca de metade consegue ter acesso a ele.

A sociedade e a produção acadêmica, um diálogo necessário

Por Hernan Chaimovich, Professor Emérito do Instituto de Química da USP e ex-presidente do CNPq

As formas de estimar o impacto de publicações científicas e patentes são objetos de interesse nas academias e nas empresas. Publicações acadêmicas e patentes, por serem produtos de investimentos, públicos ou privados, estão cada dia mais sujeitos ao escrutínio das partes responsáveis pelo investimento.

Quanto às patentes, deve-se considerar que, conforme a Organização Mundial da **Propriedade** Intelectual (WIPO), em 2019, as empresas representaram a maioria dos pedidos de patentes em todo o mundo, com 66,8% de todos os pedidos. Os 33,2% restantes dos pedidos foram apresentados por universidades e instituições públicas de pesquisa (15,3%), pessoas físicas (12,8%) e entidades governamentais (5,1%). No caso das patentes, em geral depositadas por empresas privadas, a mensuração do impacto interessa as empresas. A extensa literatura que analisa o impacto das patentes considera um conjunto de indicadores. Alguns destes indicadores podem ser: a receita proveniente do licenciamento, o número de vezes que uma patente é citada por outras patentes ou publicações científicas, ou se uma invenção patenteada leva ao desenvolvimento de um produto ou serviço de sucesso que gera receita significativa.

Aferição do impacto da produção acadêmica apresenta características diversas, tanto pela natureza distinta dessas instituições quando a diversidade dos impactos dessa produção. Publicações acadêmicas, em sua imensa maioria provenientes de universidades de pesquisa, são em geral produtos de investimentos públicos oriundos dos impostos pagos por toda a sociedade. Até pouco tempo, universidades e agências financiadoras eram os únicos agentes a estimar o impacto das publicações. Cres-

centemente os contribuintes diretamente, os seus representantes ou a imprensa, começam a se interessar, e fazer cobranças, a respeito do investimento, e do impacto da criação acadêmica representada pelas publicações. Esta ampliação do universo social que se interessa pelo investimento na universidade, que questiona a relevância e o impacto da produção acadêmica, tem aspectos extremamente benéficos para o diálogo entre a academia e a sociedade e, simultaneamente, ameaças constantes à própria existência da universidade.

Neste artigo dedicarei pouco espaço para descrever as ameaças à universidade decorrente do relativamente recente interesse social pela universidade, objeto que requer uma análise separada. Basta dizer, por ora, que os regimes neofascistas que se espalham no mundo se caracterizam por tentar (e às vezes conseguir) destruir a liberdade acadêmica das universidades. A liberdade acadêmica é um perigo para regimes neofascistas, pois permite criar conhecimento, muitas vezes crítico ao sistema, e formar pessoas que se permitem olhar a realidade, portanto, ter visões objetivas das realidades da sociedade onde vive.

Os aspectos benéficos do diálogo universidade-sociedade determinam uma abertura das universidades às realidades e necessidades da sociedade que as rodeia. Esta abertura requer desde a necessidade de relatar, numa linguagem adequada, o que é um novo conhecimento, e por que se cria, até a descoberta de novos caminhos de reflexão que tenham um maior e mais rápido impacto nos contribuintes que financiam os investimentos na universidade pública. Numa sociedade segmentada e desigual como a brasileira, os segmentos que pagam impostos têm interesses, linguagens, conceitos (e preconceitos), culturas, necessidades e características diferenciadas. As universidades de pesquisa têm a responsabilidade de estabelecer diálogos,

Continuação: A sociedade e a produção acadêmica, um diálogo necessário

também segmentados, para que a importância da criação intelectual da universidade chegue a todos os que a sustentam. Simultaneamente, estes diálogos podem fazer com que as necessidades sociais mais prementes estimulem a criatividade de pesquisadores produzindo soluções que as atendam.

É sempre conveniente definir impacto das publicações pois, quiçá repetindo a definição, se possa chegar a um consenso do seu significado. Destarte, é evidente (para mim, claro) que o impacto de uma publicação pode ter elementos econômicos, sociais ou intelectuais, ou ainda ter mais de um ingrediente.

O impacto econômico é o aspecto que tem sido mais estudado e divulgado. Um trabalho incremental publicado, ou uma sequência de publicações, pode criar ou fazer crescer uma empresa, e conseqüentemente aumentar o nível de emprego. Outro trabalho pode ser suficientemente disruptivo como para criar um universo econômico. A mensuração desse impacto é, até hoje, um tema de investigação, pois a quantificação do impacto não é um fator de aferição fácil. Porém, é aceito, por exemplo, que os trabalhos publicados por Johanna Dobreiner, demonstrando a associação de bactérias com raízes de plantas, permitiram que o Brasil se tornasse um dos atores globais mais relevantes na produção de soja e derivados. Apesar dos muitos casos que demonstram a correlação, e muitas vezes a relação causal, de trabalhos publicados por pesquisadores das universidades brasileiras de pesquisa com o desenvolvimento econômico, e por decorrência o emprego, ainda é limitado o universo social onde estes resultados são conhecidos e, sobretudo, apreciados.

Os levantamentos de opinião sobre a visão da sociedade em relação à ciência, especialmente depois da pandemia, são sempre alentadores e positivos. Estes indicadores, por outro lado, também indicam que boa parte da população não identifica nem cientistas, nem universidades onde ciência é produzida. É evidente, também, que quando os investimentos em Universidades e apoio à ciência são ameaçados, co-

mo durante o governo Bolsonaro, os segmentos sociais mais beneficiados pelas descobertas feitas no Brasil raramente se manifestaram. A formação de profissionais nas universidades de pesquisa para o desenvolvimento econômico é, simultaneamente, reconhecida e ignorada. Reconhecida, pois as pessoas formadas nessas universidades permitem que a economia, a saúde, a cultura, funcionem com profissionais bem formados. De forma simultânea, cada vez que se ataca a universidade, por razões diversas, o impacto econômico na formação de pessoal qualificado se ignora.

O impacto social da produção de ciência nas universidades é também significativo e raramente apreciado na sua dimensão. Este impacto se estende desde os avanços incorporados à medicina até a qualidade do atendimento no SUS. Os subsídios que publicações dão para a formulação de políticas públicas, bem como as intervenções sociais diretas das universidades, contribuem para aliviar o nível de violência e iniquidade desta nossa sociedade.

Discutir o impacto intelectual da pesquisa fundamental para um público não acadêmico requer um esforço consciente, pois não é suficiente mostrar, por exemplo, o número de citações de um trabalho e afirmar que a magnitude desse número reflete impacto. As funções de um celular inteligente são mágicas, para uma proporção imensa da sociedade, independente de condição econômica. Transformar esta concepção mágica num percurso intelectual, eivado de publicações acadêmicas, que durante muito tempo não passou de ciência fundamental, está claramente nas responsabilidades da Universidade.

Esta reflexão requer foros adequados onde se construam mecanismos de comunicação social dependentes da área do conhecimento e do segmento da sociedade que se cogita atingir. As Pró-reitorias bem poderiam tomar o desafio de construir canais diferenciados de comunicação social para estabelecer os caminhos bidirecionais com a sociedade. Um projeto destes seria um diálogo permanente onde tanto a

Continuação: A sociedade e a produção acadêmica, um diálogo necessário

produção intelectual da Universidade poderia ser compreendida como as necessidades sociais passíveis de soluções acadêmicas seriam ouvidas. Um projeto integrado deste tamanho poderia contribuir para a integração da universidade com a sociedade, com a sua imensa diversidade, fosse mais evidente. É claro que se trata de extensão, mas também de pesquisa e certamente de inclusão. Universidades de pesquisa como a USP contam com sistemas de comunicação que devem ser integrados num projeto desta magnitude. Trata-se, no fim, de uma iniciativa que pode conduzir a canais diferenciados onde pos-

sam dialogar desde a população das favelas até os membros da Febraban.

(As opiniões expressas pelos articulistas do Jornal da USP são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem opiniões do veículo nem posições institucionais da Universidade de São Paulo. Acesse aqui nossos parâmetros editoriais para artigos de opinião.)

Índice remissivo de assuntos

Marco regulatório | INPI
3

Patentes
5

Propriedade Intelectual
7